

Arroteia 6 (Mombeja - Beja) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular

.....

Eduardo Porfírio e Miguel Serra¹

RESUMO:

Durante os trabalhos de minimização de impactes sobre o património, a cargo da Palimpsesto, Lda., decorrentes do projecto “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”, relativo à implantação de condutas de abastecimento de água às freguesias rurais do concelho de Beja, da responsabilidade da EMAS, EEM, foram detectados vestígios de estruturas escavadas no calíço brando da região que revelaram materiais genericamente enquadráveis na Idade do Bronze.

A intervenção arqueológica permitiu identificar duas áreas de interesse, ambas sob a designação de Arroteia 6, das quais uma apresentava-se bastante afectada pela intensa actividade agrícola. Deste modo, não foi possível definir com rigor o contexto arqueológico a que se reportavam os vários níveis com materiais cerâmicos da Idade do Bronze.

Na segunda área, foi escavada um silo/fossa que forneceu diversos materiais, entre os quais se destaca um conjunto de taças carenadas com paralelos tipológicos enquadráveis na Idade do Bronze Final.

A análise espacial e morfológica da envolvimento da

área de intervenção, permitiu verificar que estes vestígios se podem integrar no grupo dos povoados abertos de fossas da Idade do Bronze, com características similares a outros recentemente identificados nas vizinhas regiões de Beringel e Trigaches. À semelhança destes locais, a estratégia de implantação de Arroteia 6, privilegiou uma plataforma de morfologia elipsoidal, próxima de linhas de água sazonais, constituída por solos férteis integráveis nos conhecidos “*Barros Negros*”.

Apesar da intervenção arqueológica ter detectado um número reduzido de contextos arqueológicos, ainda para mais situados no limite da área atrás referida, a ocupação original poderá ter ocupado grande parte ou a totalidade desta plataforma de relevo aplanado e uniforme.

Pretende-se ainda neste trabalho, efectuar algumas considerações sobre a eventual contemporaneidade entre este sítio e o povoado do Outeiro do Circo, integrando-os na rede de povoamento da Idade do Bronze que pouco a pouco começa a ser melhor conhecida nesta região.

¹ - Palimpsesto, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra.
E-mails: eduardoporfirio@palimpsesto.pt / miguelserra@palimpsesto.pt

ABSTRACT:

While carrying out the “historical environment (heritage) impact minimization measures” promoted by EMAS, EEM on the “Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel” project for the implantation of the water system to supply water to Beja’s county parishes, the remains of structures dug in the soft quicklime/limestone associated with materials from the Bronze Age were recorded.

The archaeological work allowed the identification of two areas of interest, both designated as Arroteia 6, one of them much affected by agricultural work. Hence it was not possible to define precisely the archaeological context of the various levels of Bronze Age materials found in this area.

In the second area a pit structure was excavated. The fillings of the structure revealed different artefacts among each a pair of carenated goblets/bowls typologically associated with the Late Bronze Age.

The spacial and morphological analysis of the

surrounding landscape permitted recognising this remains as part of a group of open settlements with ditches, with similar characteristics to other settlements recently recorded in the areas of Beringel and Trigaches. Just like on those sites the implantation strategy of Arroteia 6 privileged an homogeneous ellipsoid platform, near to seasonal water lines, with fertile soils identified as “Dark clays”.

Though the archaeological work only detected one structure, located at the edge of the above mentioned area, the original occupation might have occupied a large part or the whole of this flattened and uniform platform.

This paper also aims to make some considerations about the eventual contemporaneity of this site and the settlement of Outeiro do Circo, placing both of them in the web of Bronze Age settlements that little by little becomes better known in this region.

1 – ANTECEDENTES E ENQUADRAMENTO DA INTERVENÇÃO

O sítio arqueológico Arroteia 6 foi identificado durante os trabalhos de minimização de impactes sobre o património decorrentes do projecto “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”, coordenados e executados por uma equipa de Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda. Este empreendimento é da responsabilidade da EMAS – Empresa Municipal de Água e Saneamento de Beja, E.M. e consistia na implantação de condutas de abastecimento de água às freguesias rurais do concelho de Beja.

A equipa de acompanhamento arqueológico identificou durante a abertura de vala para a implantação da conduta, vestígios de estruturas escavadas no *caliço* que forneceram um conjunto de materiais cerâmicos genericamente enquadráveis na Idade do Bronze. Nesta zona, identificada na Carta Militar pelo topónimo Arroteia, o traçado da conduta acompanhava a berma Este de um caminho de terra batida, que partindo do Km 9+200 da EM 529 (Santa Vitória – Beringel) e prosseguindo em direcção a Nordeste dá acesso aos Montes da Roça, da Murteira, da Melancina e à imponente Herdade da Corte Negra, localizados a nascente de Mombeja.

De referir que nesta zona não se identificaram à superfície do terreno materiais arqueológicos de cronologia pré ou proto-histórica, situação confirmada

através das várias prospecções realizadas quer aquando do reconhecimento prévio do traçado, quer imediatamente antes do início da empreitada neste troço do projecto. A realização de batidas ao terreno em períodos temporais diferentes e distanciados entre si, não contribuiu para a identificação deste sítio. Refira-se ainda que durante a escavação do estrato correspondente à camada de solos mobilizados pela agricultura recolheram-se apenas uns escassos fragmentos cerâmicos.

A *Carta de Património Arqueológico e Architectónico de Beja* (Ricardo e Grilo, no prelo) inclui no seu inventário três ocorrências designadas pelo topónimo “Monte da Arroteia”, às quais, há ainda que somar outras tantas designadas simplesmente por “Arroteia”. Estes sítios arqueológicos localizam-se a mais de 500 metros para Norte e Nordeste de Arroteia 6, numa área de transição para a elevação onde se situa o vértice geodésico “Vigia” (271m). Esta área é caracterizada por um relevo ligeiramente mais enrugado e elevado que contrasta com a área de implantação dos sítios atrás referidos. Estes, por sua vez, ocupam o topo de pequenas elevações de vertentes suaves, rodeadas por pequenas linhas de água, constituindo provavelmente pequenos núcleos habitacionais relacionados com a actividade agrícola. A componente artefactual registada

permite situá-los cronologicamente no período romano e medieval, com as exceções de Monte da Arroteia 3 cuja ocupação remontará à Idade do Ferro e Arroteia 4, de momento sem qualquer possibilidade de classificação cronológico-cultural (Ricardo e Grilo, no prelo).

Numa fase inicial da execução do projecto “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringe*” foi necessário realizar uma intervenção arqueológica no sítio Monte da Arroteia 1, porque esta área estava destinada à implantação do futuro Reservatório de Mombeja. Este local situa-se a cerca de 200 metros a Norte de Arroteia 6 e ocupa o topo de uma pequena elevação (237m.) de vertentes pouco pronunciadas, ladeada por linhas de água. A partir do topo desta colina desfruta-se de uma excelente visibilidade para todos os quadrantes, excepto para Norte e Noroeste onde se destaca no horizonte o cerro da Vigia.

Apesar de no Monte da Arroteia 1 não terem sido detectados contextos arqueológicos preservados, a intervenção arqueológica revelou um conjunto de cerca de três dezenas de fragmentos cerâmicos de produção manual, composto na sua maioria por elementos de bojo, exceptuando-se um fragmento de fundo plano e um outro de bordo. As características das pastas e o tratamento de superfícies destas cerâmicas permitiram apenas a sua atribuição a um período bastante lato, situado entre o final da Pré-história recente e a Idade do Ferro.

Deste modo, antes da intervenção arqueológica executada em Arroteia 6 não existiam nesta zona, próxima do grande povoado do Outeiro do Circo, contextos arqueológicos da Idade do Bronze correspondentes a sítios de planície.

2 - LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O sítio de Arroteia 6 situa-se administrativamente no distrito e concelho de Beja, freguesia de Mombeja. As suas coordenadas são 38° 01' 21,590" de Latitude Norte

e 08° 01' 27,700" de Longitude Oeste (Datum 73, Ponto Central, Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, folha 520), a uma altitude média de 225 metros.

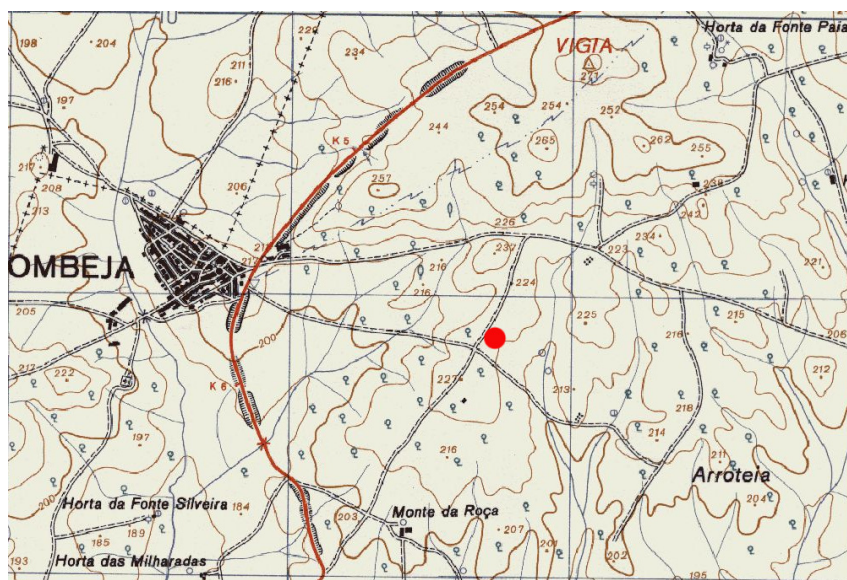


Fig. 1 – Localização do sítio Arroteia 6 na Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, folha 520.

Ao nível topográfico, este sítio ocupa uma pequena plataforma de vertentes suaves, rodeada por pequenas linhas de água que drenam para o Barranco de Mombeja e para a Ribeira de Santa Vitória. O povoado terá

ocupado parte ou a totalidade desta plataforma, apesar dos vestígios identificados no decurso da intervenção arqueológica se situarem numa área limítrofe da mesma.



Fig. 2 - Vista geral da área de implantação do sítio Arroiteias 6.

Este tipo de relevo, caracterizado por elevações suaves com cotas a rondar os 200/230m, integra-se perfeitamente na peneplanície alentejana, unidade fundamental do relevo e base da maioria dos desenvolvimentos morfológicos desta região. Se por um lado a homogeneidade paisagística se prolonga para Sul, onde nas envoltórias de Santa Vitória a planície assume um aplanamento quase perfeito; por outro as cotas mais elevadas dos relevos residuais da Serra de Beringel e dos morros de Beja destacam-se claramente destas áreas mais baixas, assim se justificando o seu extenso domínio visual (Feio, 1952: 31; Oliveira, 1992: 11).

Pelo facto de ainda não se encontrar publicada

a carta geológica à escala 1:50 000 correspondente à zona de estudo, foi necessário recorrer à folha 8 da Carta Geológica de Portugal à escala 1:200 000 (Oliveira, 1992). Assim, verifica-se que a área da nossa intervenção situa-se na Formação de Santa Iria, integrada no grupo Ferreira-Ficalho da Antiforma do Pulo do Lobo pertencente ao sector Norte da Zona Sul Portuguesa. A Formação de Santa Iria é caracterizada “...por alternâncias de pelitos, siltitos e grauvaques, com características sedimentares turbidíticas, o que lhe confere um carácter flyschóide” (Oliveira, 1992: 32). No entanto, a datação da Formação de Santa Iria não é consensual permanecendo ainda envolvida em alguma discussão.

3 - DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS E PRINCIPAIS RESULTADOS

Os vestígios arqueológicos identificados durante o acompanhamento arqueológico da abertura da vala da conduta, consistiam basicamente em estruturas escavadas no substrato geológico, detectadas através da coloração escura dos seus enchimentos que contrastava com a tonalidade esbranquiçada dos “caliços”. Associados a estes contextos recolheram-se numerosos fragmentos cerâmicos cujas tipologias e

processos de fabrico, associados às características das pastas e do tratamento das superfícies apontavam para uma atribuição à Idade do Bronze. Para realizar uma caracterização mais aprofundada destas ocorrências, foram implantadas ao longo da vala três sondagens numeradas em função da identificação das realidades arqueológicas.

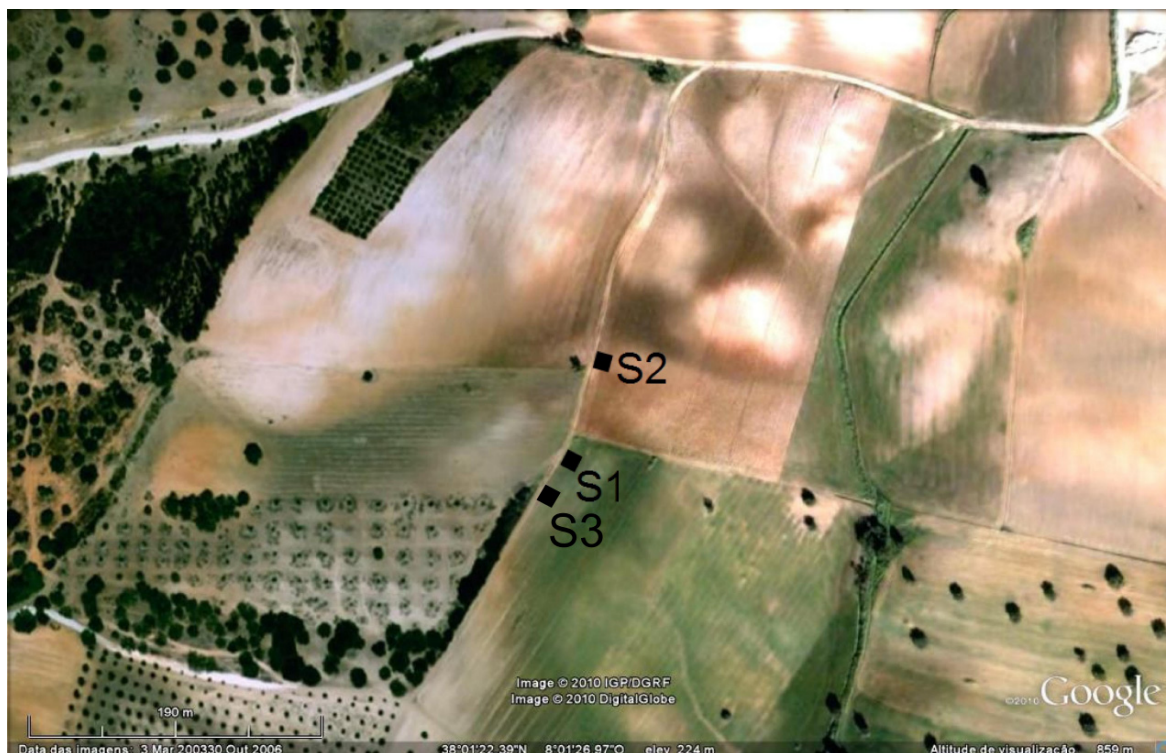


Fig. 3 – Vista aérea da área da intervenção arqueológica.

Iniciado o processo de escavação da Sondagem 1 (2 x 2 m.) verificou-se que o sedimento argiloso de coloração castanha escura, com cerca de 35cm de potência estratigráfica, que cobria o substrato geológico encontrava-se completamente revolvido pela prática agrícola. Neste caso, a profundidade da afectação resultou no revolvimento do substrato geológico misturando-o com o sedimento da Camada 1. Deste modo, e como acontece frequentemente neste tipo de contextos arqueológicos também em Arroteia 6 não se conservou o topo das estruturas escavadas no “caliço”, nem os expectáveis níveis de ocupação que com elas deveriam correlacionar-se.

A escavação da Sondagem 1 resultou na identificação de um silo/fossa² cuja abertura superior apresentava uma morfologia aproximadamente circular, com 130cm de diâmetro conservado, por 145cm de profundidade máxima. Ao nível da secção verifica-se a existência

de um estrangulamento que diferencia claramente o terço superior da estrutura, dos dois terços inferiores, fazendo com que o diâmetro máximo, 127cm, seja muito semelhante ao valor da abertura superior. Por seu turno, a base apresentava-se bastante irregular não se vislumbrando qualquer intuito para proceder ao seu nivelamento.

Analisando a sequência estratigráfica depositada no interior desta estrutura, estabelece-se de imediato uma distinção clara entre as camadas 2 e 3, sem qualquer material arqueológico, e as camadas 4 e 5 com uma componente artefactual bastante mais rica, composta por inúmeros fragmentos cerâmicos e escasso espólio lítico, associados a carvões e a blocos de argila cozida e queimada.

2 - A designação silo/fossa aqui utilizada deve-se essencialmente à necessidade de diferenciar este tipo de estrutura de outras de configurações extremamente variadas que caracterizam estes sítios de planície. Não pretendemos com esta designação cingir a funcionalidade destas realidades exclusivamente a uma função quer de armazenagem quer de entulheira ou lixeira. Pelo contrário, a interpretação das designadas estruturas negativas deve ser encarada numa perspectiva muito mais lata que reflecta quer a sua longa temporalidade, quer a sua multifacetada funcionalidade, na esteira do que vem sendo afirmado pelos vários autores que têm abordado esta problemática (por exemplo Valera, no prelo; Marquez Romero, 2003).

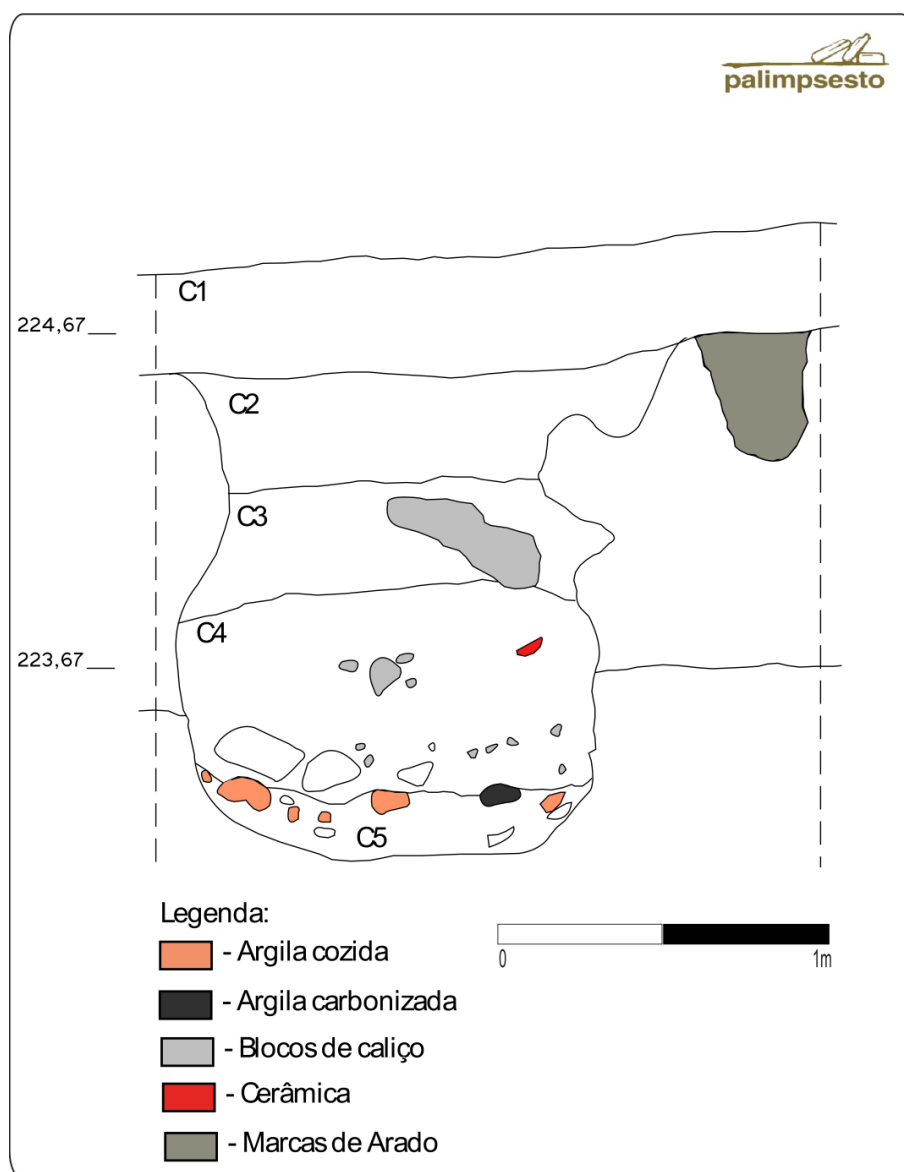


Fig. 4 – Perfil Oeste da fossa tipo “silo” da Sondagem 1.

Na camada 5 sobre a base do silo/fossa identificou-se em posição primária o fundo plano de um recipiente cerâmico, provavelmente pertencente a um pote. Em redor foram recolhidos mais alguns fragmentos cerâmicos, não estando ainda totalmente definida a sua relação com os inúmeros blocos de argila cozida e carbonizada que abundam nesta camada. Sendo certo que este episódio marca o início do processo de enchimento da estrutura, a verdade é que enquanto

não for concretizada a caracterização analítica dos blocos de barro e o estudo aprofundado dos materiais arqueológicos, não se poderá comprovar se estes fragmentos cerâmicos conjugados com o fundo plano correspondem, ou não, ao mesmo recipiente. A natureza desta deposição que cremos fundamental para abordar a funcionalidade da estrutura permanece por enquanto no terreno instável das hipóteses interpretativas.



Fig. 5 – Silo/Fossa da Sondagem 1 em escavação, destacando-se algum material cerâmico *in situ*

A camada 4 é constituída por um sedimento argiloso de tonalidade castanha escura caracterizado pela presença de numerosos nódulos de caliço. Na base desta camada, junto a uma das paredes do silo/fossa identificou-se uma concentração de grandes blocos de pedra dispostos sem ordem aparente, entre os quais se identificou um dormente.

Os dois últimos depósitos (camadas 2 e 3) apresentam uma matriz argilo-arenosa, são ainda caracterizados pela presença de inúmeros blocos e nódulos de caliço, alguns dos quais de grandes dimensões, localizados junto às paredes da estrutura. Este facto poderá indicar que após a deposição dos dois primeiros enchimentos (Camada 5 e 4) a estrutura permaneceu durante algum tempo aberta, ocorrendo então o derrube de parte das suas paredes.

A sondagem 2 localiza-se a cerca de 66 metros a NNE da sondagem 1, foi implantada numa área onde se identificaram blocos de pedra e fragmentos cerâmicos de produção manual associados a um sedimento de coloração negra. A sondagem foi dimensionada (2 x 1,5m.) e implantada em função das características daquela ocorrência arqueológica, mas durante o decorrer da escavação foi necessário proceder a um alargamento de 0,5m.

Concluída a escavação, identificou-se na sondagem 2 uma depressão de morfologia bastante irregular escavada na argila de base, que foi preenchida por um sedimento argiloso muito plástico de coloração negra (Camada 4). Neste depósito recolheram-se para além de vários carvões, inúmeros fragmentos cerâmicos alguns dos quais em conexão mas sempre sem perfazerem a totalidade do recipiente. Sobre esta camada identificou-se um alinhamento de blocos pétreos de xisto e granito, contando-se entre estes um elemento dormente de mó de rebolo.

O contexto identificado na Sondagem 2 permanece ainda rodeado de alguma indeterminação. A partir da análise da estratigrafia e dos materiais arqueológicos recolhidos parece seguro correlacionar esta realidade com actividades de combustão, testemunhadas pela existência de vários carvões e pela coloração negra do sedimento da Camada 4. O alinhamento de blocos de pedra, apesar da sua parca expressividade e da afectação por trabalhos agrícolas, poderá pressupor a existência de uma qualquer estrutura de apoio àquelas actividades. De excluir será a sua associação a uma estrutura habitacional dada a ausência dos respectivos níveis de ocupação.



Fig. 6 – Sondagem 2 – Plano 3.

Foi realizada uma terceira sondagem (2x2m), localizada a 16 metros para SSW da sondagem 1, numa zona onde a vala da conduta interceptou uma pequena depressão que teria cerca de 40/50cm de profundidade. Apesar de muito afectada pelas raízes de uma árvore que aqui existiu, foi possível verificar que esta estrutura consistia numa pequena depressão escavada no “caliço”, que contava com 74cm de largura por 40cm de profundidade. Esta estrutura foi colmatada com dois enchimentos argilosos de tonalidade castanha, um dos quais envolvia uma pequena aglomeração de pedras (camada 2) e forneceu cerca de uma dezena de fragmentos cerâmicos pré-históricos. No entanto, estes elementos são insuficientes para definir a funcionalidade desta estrutura, dificultada ainda pelas perturbações provocadas pela abertura da vala e pelas raízes da árvore.

No quadrante SE da sondagem 3 identificou-se parte de uma outra estrutura escavada no substrato geológico, que não foi intervencionada por exigir um alargamento que excedia a área afectada pelo projecto.

No que se refere à componente artefactual deve reafirmar-se que não foi ainda concluído o seu estudo exaustivo, de modo que todas as considerações relativas a esta temática revestem-se de um carácter preliminar. No entanto, a partir das observações registadas no decurso dos trabalhos de escavação e de tratamento dos materiais arqueológicos (lavagem e marcação) é desde já possível traçar uma primeira caracterização do conjunto e de passagem, sublinhar algumas perspectivas de investigação a desenvolver futuramente.

O conjunto cerâmico recolhido nas três sondagens apresenta uma certa homogeneidade relativamente ao processo de manufactura, caracterizado essencialmente pela predominância esmagadora das cozeduras redutoras. Ao nível dos tratamentos de superfície, para além da presença numerosa dos recipientes com as paredes alisadas, destaca-se um grupo importante composto maioritariamente por taças carenadas com as superfícies intensamente polidas e brunidas (n.º 001; 024, 158).

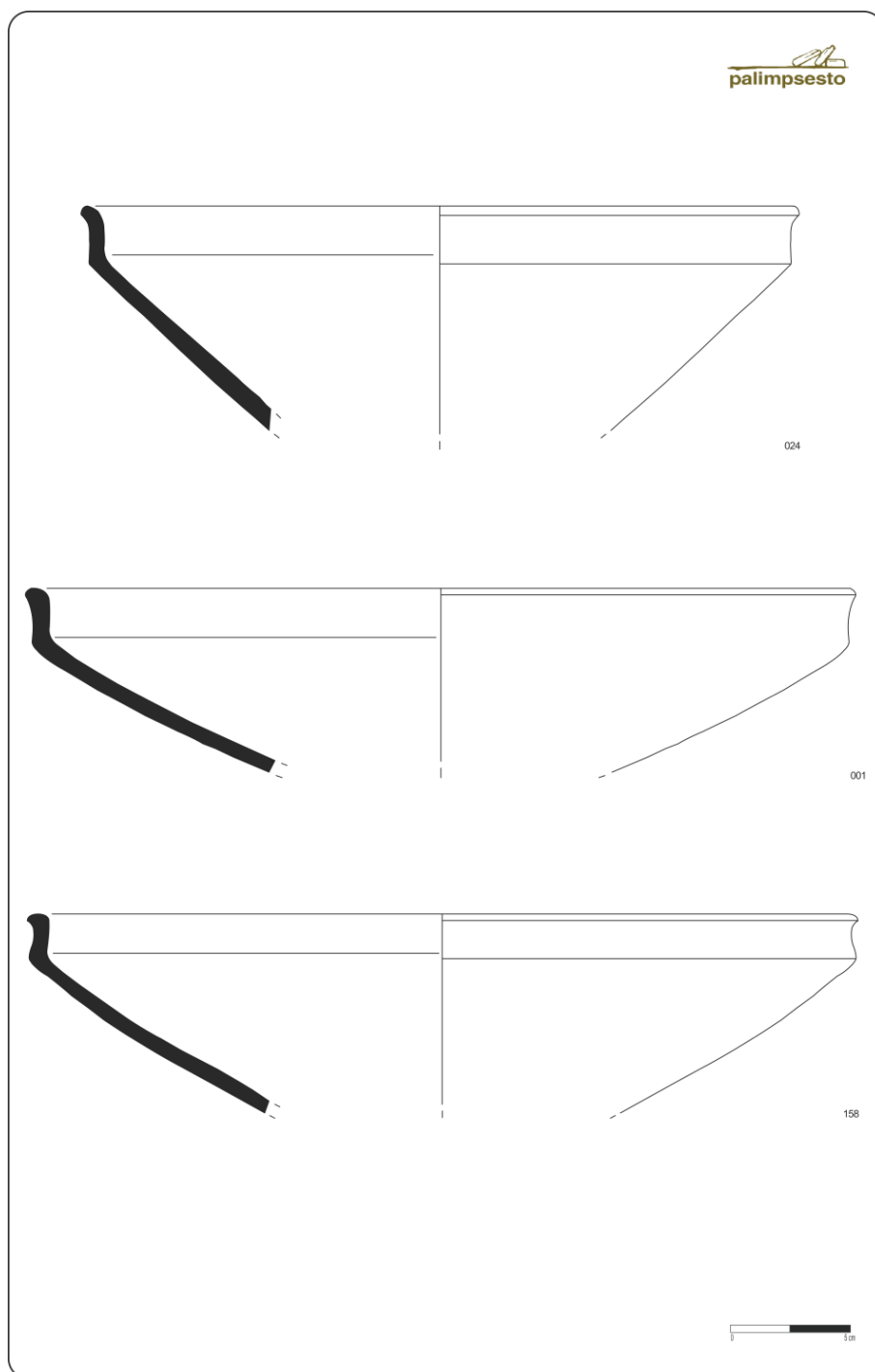


Fig. 7 - Conjunto de taças carenadas recolhidas no silo/fossa da Sondagem 1.

Apesar da presença relativamente importante de recipientes com superfícies brunidas não se identificou nenhum ornato brunido, aliás, a decoração encontra-se totalmente ausente no espólio cerâmico de Arroteia 6, isto se se interpretar os mamilos segundo uma perspectiva exclusivamente funcionalista.

Entre os fragmentos que permitiram uma atribuição formal predominam as taças de perfil carenado e os grandes potes de paredes mais ou menos rectas, alguns dos quais apresentam mamilos horizontais e num dos

casos verticais. Na maioria dos exemplares os mamilos localizam-se junto à linha do bordo (n.º 055 e 092), noutros casos situam-se muito próximo dele, ocupando sempre a parte superior do recipiente n.º 107). No que se refere aos elementos de prensão destinados a facilitar a manipulação das vasilhas cerâmicas, para além dos mamilos já referidos, destaca-se uma pequena asa de fita, de secção sub-rectangular com uma ténue depressão central longitudinal (n.º 114).

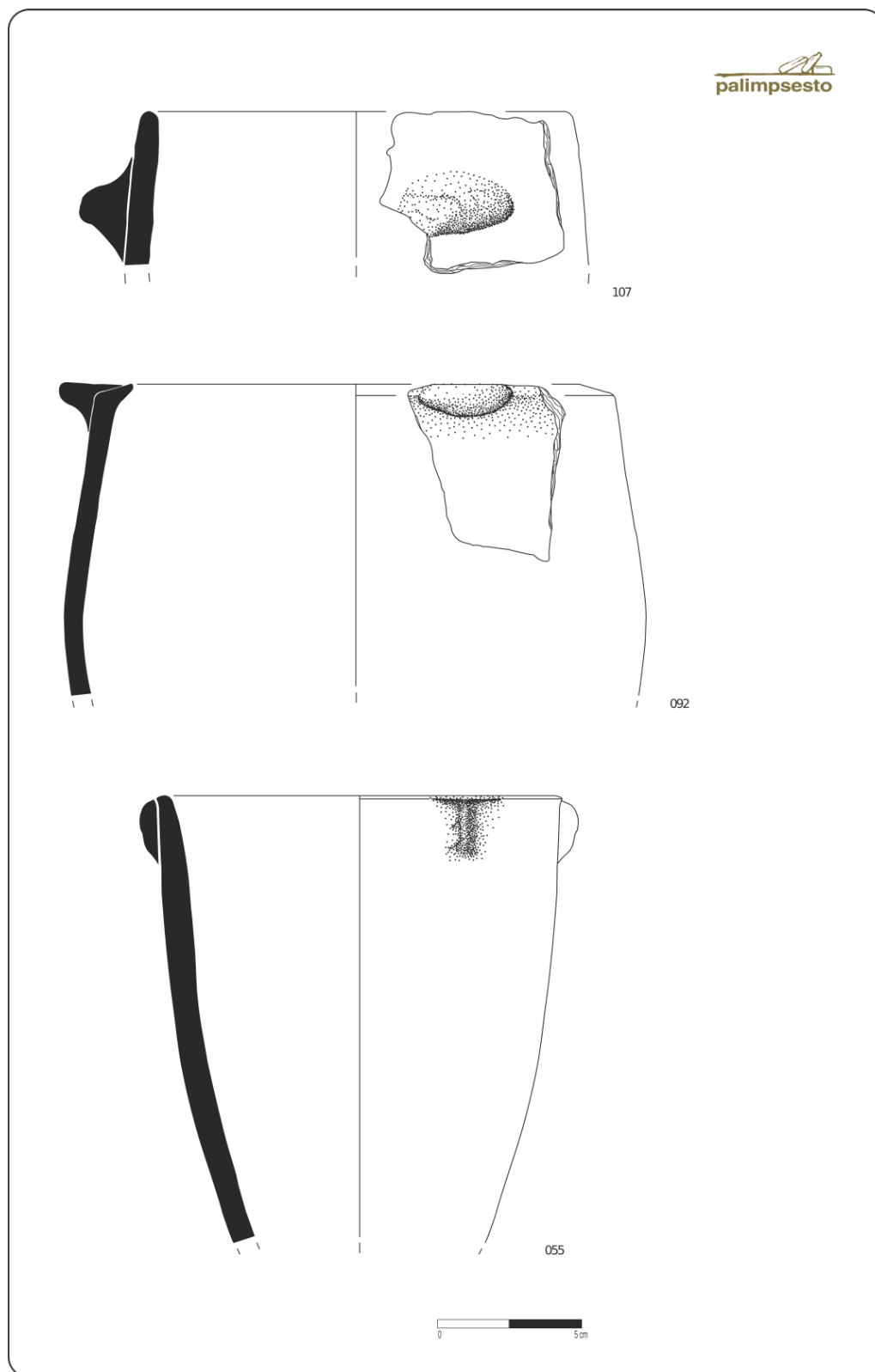


Fig. 8 – Conjunto de potes recolhidos em Arroiteia 6.

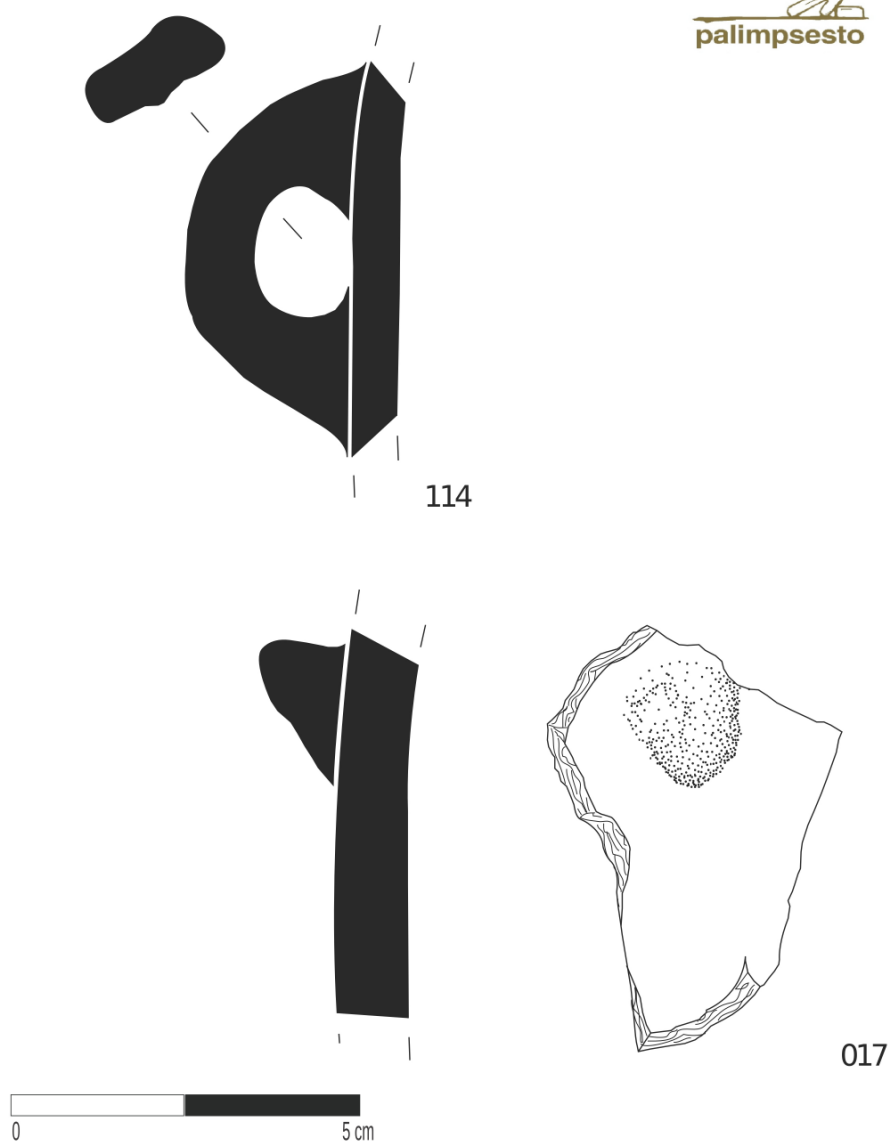


Fig. 9 – Elementos de apreensão provenientes de Arroteia 6.

Ao nível das bases dos recipientes verifica-se que os exemplares recolhidos correspondem todos a fundos planos, muito embora como no caso do n.º

041 se verifique uma ligeira tendência para uma certa concavidade.

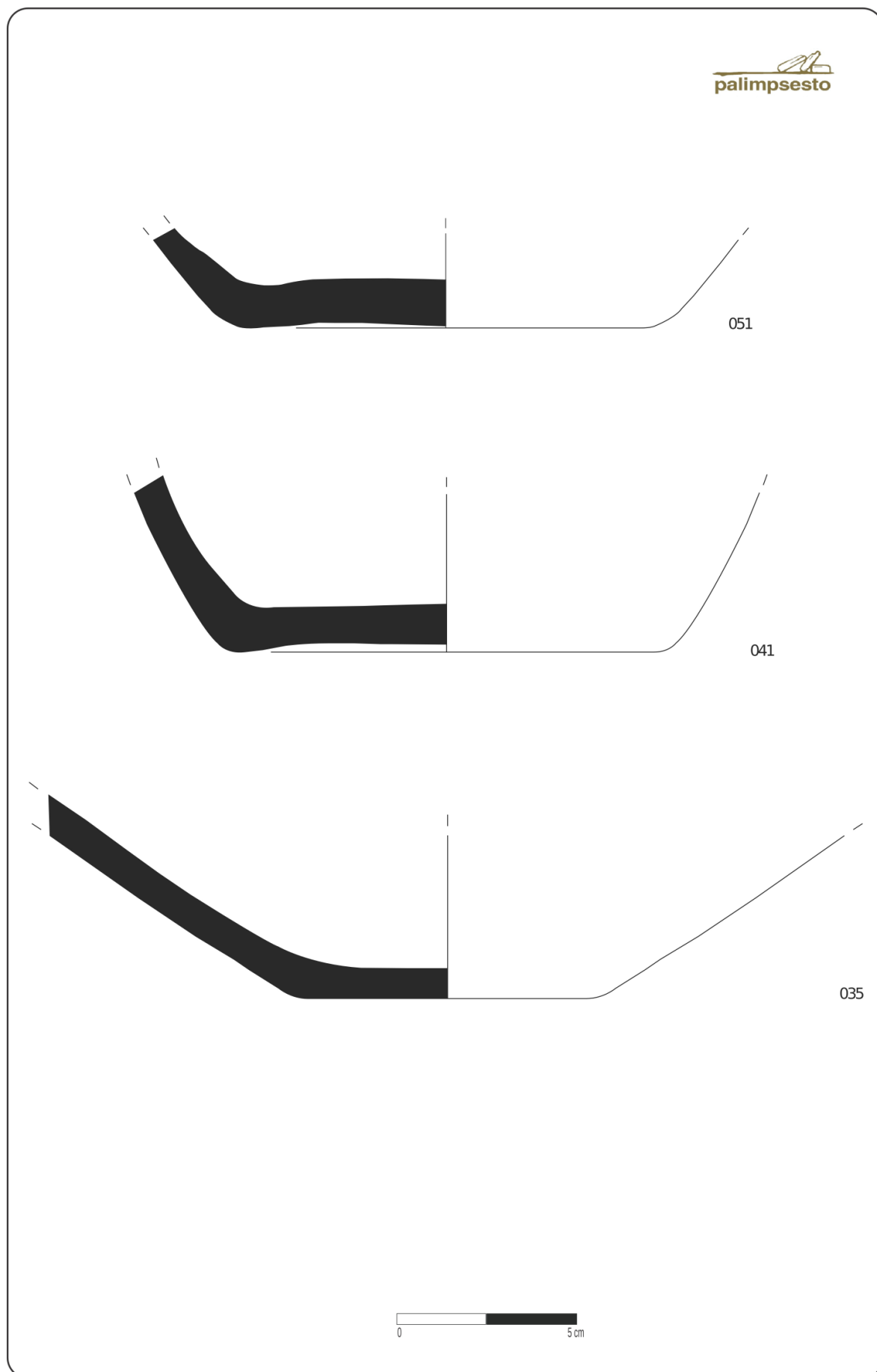


Fig. 10 – Fundos de recipientes de Arroteia 6.

Para além da cerâmica, os materiais arqueológicos provenientes de Arroteia 6 contam ainda com vários blocos de barro cozido, uma lasca de quartzito e dois elementos dormentes de mós. Foi também recolhido um conjunto variado de material analítico quer de ordem sedimentológica quer antracológica, cujo

estudo futuro desempenhará um papel relevante no conhecimento mais aprofundado das realidades arqueológicas, nomeadamente no que se refere a um melhor conhecimento e caracterização dos contextos das sondagens 1 e 2.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação das estruturas identificadas em Arroteia 6 fica de certo modo comprometida pela reduzida área de intervenção, totalmente dependente da extensão de terreno afectada pelo empreendimento que consistiu na abertura de uma vala com cerca de 60cm de largura, localizada junto à berma de caminhos de acesso às propriedades agrícolas. Nestes casos em que os terrenos não são sequer expropriados mas em que é estabelecido um acordo com os proprietários, é difícil contrariar a tendência linear do projecto e proceder a alargamentos para o exterior da área acordada, assim como cortar caminhos onde habitualmente circulam máquinas agrícolas.

Apesar de apenas ter sido intervencionada uma estreita faixa de terreno localizada nas áreas limítrofes de uma plataforma mais vasta, as realidades arqueológicas registadas em Arroteia 6 deverão corresponder a um sítio de maiores dimensões. Este argumento é suportado não só na existência de uma outra estrutura identificada nos limites da quadriculagem da sondagem 3, prenunciando a ocorrência de contextos similares e consequentemente a extensão da ocupação. Mas também numa análise comparada com outros sítios de características similares que têm vindo a ser identificados no Alentejo, nomeadamente na zona em redor de Évora, na margem esquerda do Guadiana e nas vizinhas zonas de Beringel e Trigaches (Alves *et al.*, 2010; Antunes *et al.*, 2012; Nunes *et al.*, 2007; Deus *et al.*, 2009; Rebelo *et al.* 2009; Santos *et al.*, 2008; Santos *et al.*, 2009; Soares *et al.*, 2009; Valera e Filipe, 2010).

No mesmo sentido podem entender-se as similitudes verificadas ao nível da estratégia de implantação, sendo que no caso em apreço foi igualmente privilegiada a ocupação de uma plataforma caracterizada por solos extremamente férteis conhecidos por “*Barros Negros*”. A proximidade aos recursos aquíferos encontra-se assegurada pela existência de várias linhas de água de caudal sazonal que delimitam a plataforma onde se localiza Arroteia 6.

Um outro aspecto definidor desta tipologia de povoamento é a presença, por vezes massiva e quase sempre exclusiva, de estruturas escavadas no substrato geológico, o que levou a que no país vizinho este tipo de sítios passasse a ser designado pela expressão “*campo de hoyos*” (Bellido Blanco, 1996). O contexto identificado na sondagem 1, considerando a sua morfologia e a sua sequência sedimentar, integra-se perfeitamente nesta categoria de estruturas arqueológicas. De igual modo, os restantes contextos intervencionados em Arroteia 6, apesar das numerosas dúvidas que rodeiam a sua interpretação, caucionam igualmente a classificação do sítio em estudo na ampla categoria dos povoados abertos de planície.

No entanto, considerando na sua totalidade o grupo dos povoados abertos, Arroteia 6 assume especial importância por se situar a curta distância do Outeiro do Circo, localizado a menos de 1 Km em linha recta na direcção NNE. Por outro lado, entre o conjunto cerâmico proveniente do silo/fossa da sondagem 1 merece destaque um grupo constituído por várias taças carenadas de superfícies brunidas (Fig. 7 - n.ºs 001, 024 e 158). Trata-se de peças com carenas altas, bordo ligeiramente extrovertido de lábio arredondado, cujas superfícies apresentam um brunimento muito intenso e cuidado, acabando o recipiente por adquirir um certo brilho metálico intensificado pela cozedura redutora. Estes exemplares apresentam características tecno-tipológicas cujos melhores paralelos podem ser encontrados entre um conjunto de recipientes recolhidos no sítio Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora) onde constituem o designado grupo 1 (Santos *et al.*, 2008: 66).

Este sítio alto alentejano foi alvo de um programa de datação por radiocarbono situando-se a sua ocupação pré-histórica entre o Bronze Pleno (séculos XVII/XVI a.C.) e a Idade do Bronze Final podendo prolongar-se até à Idade do Ferro. Refira-se no entanto que o contexto de Casarão da Mesquita 3 datado do Bronze

Pleno corresponde já ao final deste período e que a grande maioria das datas obtidas pertence de facto à Idade do Bronze Final (Santos *et al.*, 2008: 82).

Deste modo, as taças carenadas recolhidas no silo/fossa da sondagem 1 parecem assim indiciar uma ocupação datável do Bronze Final, que em algum momento terá sido contemporânea do povoamento no Outeiro do Circo. Dadas as distintas estratégias de implantação de Arroteia 6 e do Outeiro do Circo, é possível perspectivar o primeiro como um povoado de planície dependente do segundo. Refira-se que considerações de teor semelhante envolvendo a existência de relações de subordinação entre um povoamento de altura com estruturas de fortificação e ocupações de planície têm sido apontadas para a região de Évora/Reguengos de Monsaraz e Serpa (Antunes *et al.*, 2012).

Apesar do nosso conhecimento actual sobre as dinâmicas da ocupação da esmagadora maioria dos povoados de planície identificados nas zonas de Beringel e Trigaches ser ainda muito parcelar, podemos facilmente supor que alguns destes sítios de planície, já ocupados desde o Bronze Pleno, mantiveram as suas características e funções durante o Bronze Final, sendo em algum momento contemporâneos do Outeiro do Circo integrando-se naturalmente na sua esfera de influência, eventualmente sob a sua dependência directa.

As comunidades que habitaram o Outeiro do Circo, assumiriam a gestão de uma vasta região, cuja diversidade de formas de exploração e utilização, começa a ser um pouco mais perceptível. Os novos dados permitem pressupor a existência de uma verdadeira rede de povoamento hierarquizada e polarizada em torno de um sítio principal, devidamente fortificado e de grandes dimensões, que assumiria o papel de organização e controle de um vasto território. Este seria explorado tendo como base uma malha de vários sítios de dimensões variáveis, situados em zonas planas, que teriam acesso directo aos recursos naturais, nomeadamente aos agropecuários. Num outro nível de análise, será ainda de supor a existência de pequenas quintas ou granjas, de ambiente familiar, aparentadas aos povoados abertos, quer ao nível da estratégia de implantação, quer no tipo de elementos constituintes, mas de dimensão inferior, que complementariam o povoamento da região.

Uma estrutura de povoamento hierarquizada caracterizada pela variedade ao nível das estratégias de implantação topográfica encontra paralelo na margem

esquerda do Guadiana, onde os povoados do Bronze Final foram incorporados em quatro grupos, definidos essencialmente pela sua posição topográfica e pela presença ou ausência de sistemas defensivos. Poderá assumir-se que diferentes categorias de implantação poderão equivaler a uma certa especialização dos povoados na exploração económica dos recursos naturais e das rotas de circulação existentes nas suas envolventes. Para além de uma dimensão puramente economicista alguns destes povoados poderão reflectir uma apropriação simbólica dos recursos naturais, de acordo com o que foi proposto para alguns sítios da margem esquerda - nomeadamente Santa Margarida e provavelmente Casa Branca 1, relativamente à relação que parece estabelecer-se entre os recursos aquíferos e a cerâmica de ornatos brunidos (Soares, 2005).

No caso de Arroteia 6 para além das potencialidades agrícolas não será também despidendo o facto de se localizar numa zona de passagem para a Faixa Piritosa do Alentejo que assoma poucos quilómetros a Sul da aldeia de Santa Vitória, nas proximidades da actual povoação da Mina da Juliana. Os recursos mineiros desta zona jogaram certamente um papel relevante ao longo da Idade do Bronze, como se poderá depreender a partir do conjunto de materiais metálicos e líticos recolhidos naquela mina (Veiga, 1886: IV). A importância deste território localizado a Sul do Outeiro do Circo encontra expressão já no período do Bronze Médio, nomeadamente nas várias necrópoles de cistas existentes em redor da Ribeira do Roxo (Parreira, 1995).

Expressividade que parece escassear no que se refere à fase crepuscular da Idade do Bronze. De facto, e no que se refere a este período escasseia a informação relativa à utilização de outro tipo de espaços, como as necrópoles onde foram sepultados os habitantes do Outeiro do Circo, já que muito provavelmente os habitantes dos povoados abertos enterrariam os seus mortos preferencialmente no próprio local, como sugere o aparecimento de enterramentos em fossas. Sabemos também muito pouco sobre a temática das vias de comunicação, aqui entendidas como caminhos naturais por onde circulariam bens, pessoas e ideias, ou até sobre os próprios espaços rituais, que para além daqueles existentes no interior do povoado (se entendermos as rochas com covinhas a partir de uma perspectiva simbólica) poderiam ocorrer em diversos tipos de lugares e espaços naturais, como as minas (Bottaini *et al.* no

prelo), as colinas, os rios ou as nascentes de água.

No entanto, pensamos que esta ausência será certamente colmatada à medida que forem sendo publicados os resultados das inúmeras escavações realizadas nesta zona, principalmente no âmbito da arqueologia de salvaguarda, correlacionada principalmente no âmbito da arqueologia de salvaguarda correlacionada com grandes obras públicas. A seu

tempo também o desenrolar dos estudos de materiais arqueológicos, dos programas de datações e de todo um vasto universo interdisciplinar abrangido pela vertente analítica, possibilitará caracterizar melhor vários aspectos destes sítios, tais como a sua dimensão, as formas de organização interna e a sua dinâmica ocupacional.

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, C., ESTRELA, S., COSTEIRA, C., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A. M. e MORENO-GARCÍA, M. (2010) – Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudeste no Sudoeste?!, *Zephyrus*. Salamanca. 66, 133-153.
- ANTUNES, A.S., DEUS, M., SOARES, A. M., SANTOS, F., ARÊZ, L., DEWULF, J., BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (2012) – Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana, Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronze Final, *Anejos de AEspA LXII*, Mérida, pp. 277-308.
- BELLIDO BLANCO, A. (1996) – Los campos de hoyos. Inicio de la economía agrícola en la submeseta norte. *Studia Archaeologica*. Universidade de Valladolid. Zaragoza. 85.
- BOTTAINI, C., SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (no prelo) – Chalcolithic and Bronze Age Metal depositions in Western Iberian mines. Poster apresentado no *EAA 17th Annual Meeting*, 14 – 18 Setembro de 2011. European Association of Archaeologists. University of Oslo. Norway
- DEUS, M., ANTUNES, A. S., SOARES, A. M. (2009) – A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste, in PÉREZ MACÍAS, J. A. E ROMERO BOMBA, E. (eds) *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Universidad de Huelva Publicaciones. 514-543.
- FEIO, M. (1952) – A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Estudos de Geomorfologia. Lisboa. Instituto para a Alta Cultura - Centro de Estudos Geográficos.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. (2003) – Recintos prehistóricos atrincherados (RPA) en Anadalucía (España): una propuesta interpretativa" in JORGE, S. O., *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. 269-284.
- NUNES, S., CORGA, M., BASÍLIO, L., FERREIRA, M. T., COUTO, R., ALMEIDA, M. e NEVES, M. J. (2007) – Primeira notícia acerca das fossas escavadas na rocha do Casarão da Mesquita 4 (São Manços, Évora). *Al Madan*. Adenda Electrónica. 15, 2ª série, 9-10.
- OLIVEIRA, J. T. (coord.), (1992) – Notícia explicativa da Folha 8 da Carta Geológica de Portugal. Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- PARREIRA, R. (1995) – Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior, in *A Idade do Bronze em Portugal – Discurso de Poder*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa. 131-134.
- REBELO, P., SANTOS, R., NETO, N., FONTES, T., SOARES, A. M., DEUS, M. de, ANTUNES, A. S. (2009) – Dados preliminares da intervenção arqueológica no sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa)", in PÉREZ MACÍAS, J. A. E ROMERO BOMBA, E. (eds) *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Universidad de Huelva Publicaciones. 463-488.
- RICARDO, I. e GRILO, C. (no prelo) – Carta de Património arqueológico e arquitectónico. Beja – Caderno de Mombeja. Câmara Municipal de Beja.
- SANTOS, F. J. C., ARÊZ, Luís, SOARES, A. M., DEUS, M. de, QUEIROZ, P. F, VALÉRIO, P., RODRIGUES, Z., ANTUNES, A. S., ARAÚJO, M. de F. (2008) – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas «silo» do Bronze Pleno/Final na encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11.2, 55-86.
- SANTOS, F., SOARES, A. M., RODRIGUES, Z., QUEIROZ, P., VALÉRIO, P., ARAÚJO, M. F. (2009) – A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente, com fosso e fossas, na encosta do Albardão (S. Manços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 12.1, 53-71.
- SOARES, A. M. (2005) – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica deornados brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 8.1, 111-145.
- SOARES, A. M., SANTOS, F., DEWULF, J., DEUS, M. e ANTUNES, A. (2009) – Práticas Rituais do Bronze do Sudoeste. Alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, 433-456.

VALERA, A.C. e FILIPE, V. (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos*. Lisboa. 5, 49-56.

VEIGA, E. (1886), *Antiguidades Monumentais do Algarve*, IV, Imprensa Nacional, Lisboa.

VALERA, A. C. (no prelo) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva*. Beja. 2010.